

A estrada avança, na rota dos índios gigantes



Rolando de Freitas

Travessia dos rios, um dos obstáculos



Foto FAB

O avião da FAB voou sobre a aldeia e despejou presentes. Dará resultado?

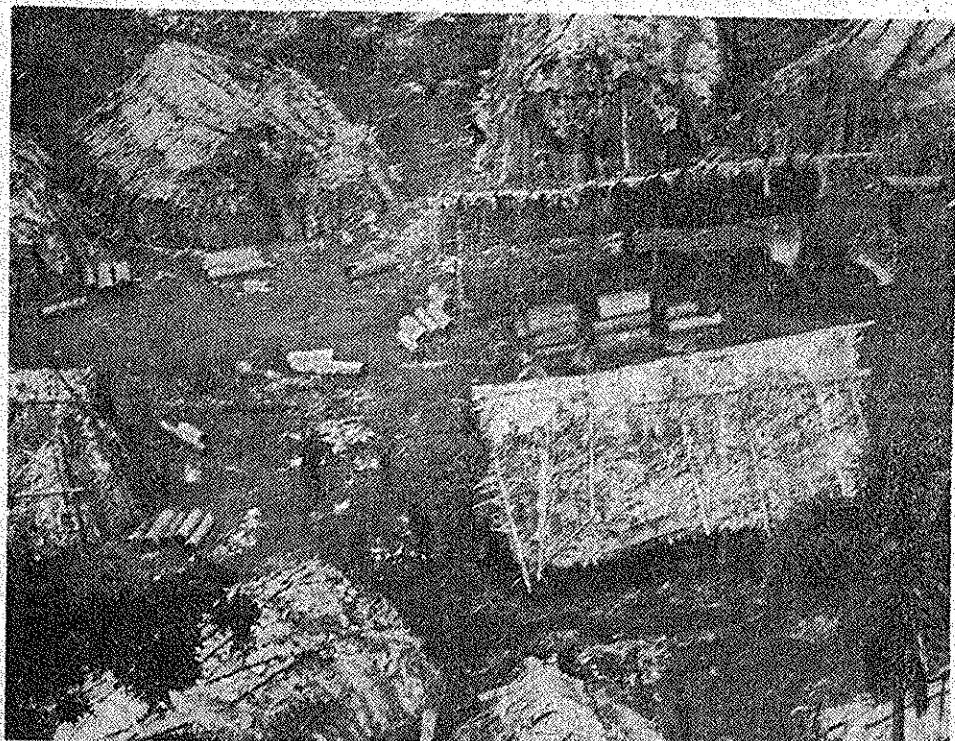
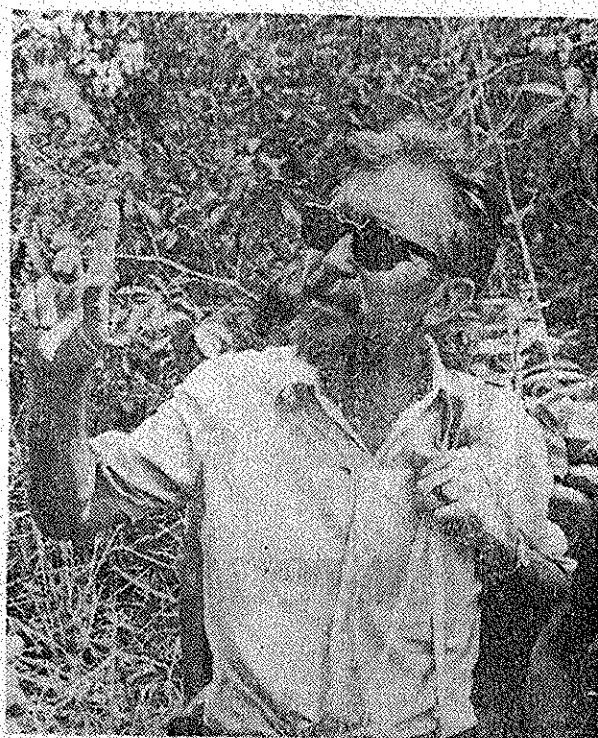


Foto FAB

Ao ver o avião, alguns índios ficaram surpresos e outros agressivos



Rolando de Freitas

Claudio Villas Boas colabora na missão

Luís Salgado Ribeiro

Enviado Especial

O mistério dos índios gigantes da Amazônia está prestes a ser desvendado. Uma expedição de 26 índios do Parque Nacional do Xingu, chefiada pelo sertanista Claudio Villas Boas, partiu terça-feira da base de Cachimbo com o objetivo de alcançar o vale do rio Peixoto de Azevedo, onde já foram localizadas três aldeias dos kranhacãrore.

Ao mesmo tempo em que a expedição iniciava a caminhada nas matas, um avião de reconhecimento da FAB fotografava as aldeias e lançava presentes para os índios. Eles nunca tiveram qualquer contato com civilizados e, segundo dizem outros selvagens da região, são índios gigantes, com estatura média superior a 2,10 metros.

As três aldeias foram localizadas próximas ao traçado da BR-165 (Cuiabá-Santarém), que está sendo aberta pelos 8.º e 9.º Batalhões de Engenharia de Construção do Exército. Por isso, tornou-se urgente a pacificação desses índios para que as obras da estrada não sejam prejudicadas por atritos entre selvagens e civilizados. Suspeita-se que alguns kranhacãrore já tenham rondado o acampamento de uma turma de topografia do 9.º BEC, há menos de um mês.

FATOS E LENDAS

Sabe-se da existência desses índios no vale do Peixoto de Azevedo desde 1950, quando os irmãos Villas Boas iniciaram seus trabalhos no Brasil-Central e, durante um vôo de reconhecimento, contaram oito aldeias nessa área. Em 67 e 68 os Villas Boas organizaram duas expedições para pacificar os kranhacãrore mas, por falta de recursos, não obtiveram êxito.

As duas expedições foram organizadas depois que mais de 50 desses índios apareceram em Cachimbo, no dia 15 de junho de 1967, e colocaram em pânico os moradores da base.

Nesse dia, o pessoal da base esperava a chegada de um C-47, quando viu as margens da pista tomadas por mais de 50 índios armados de arcos, flechas e bordunas. Pensando que estivessem cercados e não vendo nos índios nenhum sinal amistoso, todos correram para se abrigar nas casas, sem saber o que fazer. A sorte foi que o avião chegou cinco minutos depois e, avisado pelo rádio, fez vários vôos razantes para afugentar os selvagens. Essa foi a única vez que eles foram vistos por civilizados, e a uma distância de mais ou menos 200 metros — no meio da vegetação — não foi possível calcular a altura dos índios.

Entretanto, na fuga, os kranhacãrore deixaram arcos e bordunas (tacape) de aproximadamente 2 metros, o que faz supor que eles tinham realmente um físico bem avantajado.

Antes desse incidente, os irmãos Villas Boas já tinham notícias de que esse índio deveria ter uma estatura além da normal. Quando pacificaram os txucarramãe, encontraram na aldeia um prisioneiro kranhacãrore com 2,05 metros de altura.

— Esse era o baixinho da tribo — disseram os aprisionados.

Orlando Villas Boas não levou muito a sério a afirmação, pois sabe que os txucarramãe, em constantes guerras com os kranhacãrore, há mais de um século, têm sempre a tendência de exagerar o tamanho e a força do inimigo, para valorizar suas vitórias.

Tempos depois, Orlando voltou a ouvir outra história extraordinária dos txucarramãe. Contaram eles que encontraram nas margens do rio uma índia kranhacãrore muito bonita e forte. Vendo que ela estava só, decidiram raptá-la. O primeiro índio que avançou tombou com apenas um golpe que ela deu. Mais dois tentaram segurá-la e estavam os três abanhando bastante quando um quarto índio, armado de espingarda, matou-a com um tiro.

QUANTOS SÃO

Pelo número de casas das aldeias fotografadas, calcula-se que elas abriguem mais de 500 índios. Entretanto, a quantidade de roças — mais de 60 — faz supor que o número de índios seja ainda maior. Talvez mais de 600. Nessas roças, de forma circular,

eles plantam milho, mandioca e amendoim.

— Deve ter havido uma mudança muito grande na maneira de viver desses índios nos últimos anos, observa Orlando Villas

Boas. Nas primeiras vezes que sobrevimos a região, em 1950, notamos que as roças eram poucas e bem menores. Eles deviam viver quase que exclusivamente da caça e da pesca.

A mudança é explicada pelo fato de os kranhacãrore não possuírem até há pouco tempo nenhum instrumento de ferro para derrubar a mata e fazer plantações. Porém, nas duas expedições anteriores, em 67 e 68, foram deixados perto das aldeias dezenas de facões, machados e enxadas. Além disso, os txucarramãe, depois de entrar em contato com os civilizados, continuaram suas guerras com os kranhacãrore e nos combates devem ter perdido muitos instrumentos de metal, que ganharam dos brancos.

Missão difícil

Apesar de estar bastante entusiasmado com o apoio do 9.º BEC e da FAB, Claudio Villas Boas acha que não será fácil a pacificação dos kranhacãrore.

— Eles são índios do grupo Gê, o mais arreado que já conhecemos. São desconhecidos, não sabemos qual a língua que falam, não temos idéia de como vão reagir à nossa aproximação. Talvez o contato demore um mês, talvez mais de um ano.

Claudio lamenta que a expedição de 68 tenha falhado por falta de apoio logístico.

— Já estávamos bastante adiantados na fase de namoro — eles já recolhiam as ferramentas, panelas e colares que deixávamos no mato e retribuía com flechas, arcos, e enfeites de pena — quando foi recolhido o avião que abastecia a nossa frente de trabalho, onde havia mais de 30 pessoas. Assim não foi possível continuar. Tivemos de voltar e perdemos todo o trabalho de mais de seis meses.

Agora, o sertanista vai reiniciar todo o trabalho e tem pressa de concluí-lo, pois dentro de mais dois meses as turmas de topografia do 9.º BEC já estarão passando na região das aldeias e, antes do fim do ano, as máquinas de terraplenagem já rasgarão a estrada.

Apesar de todos esses problemas, Claudio não esconde a sua alegria de estar realizando um trabalho que agora não só ele julga importante. O próprio coronel José Meirelles, comandante do 9.º BEC, reconhece que o interesse de sua unidade nessa missão é igual ou maior que dos sertanistas e da Funai.

SEGURANÇA

O principal objetivo da expedição será dar segurança ao pessoal do 9.º BEC. Mesmo que o contato ainda não tenha sido feito, quando as turmas de topografia atingirem a zona das aldeias, os trabalhadores estarão protegidos pois os índios da expedição poderão dar o alerta para evitar qualquer incidente.

Além disso, com a expedição à frente, o pessoal da topografia não vai mais passar por sustos, como na noite de 21 de dezembro, quando suspeitaram da presença de selvagens na volta do acampa-

mento. Nessa noite, eles ouviram vários batidas nas árvores, que foram identificadas pelo sertanista Antonio Campinas como sinais dos índios. O sertanista, que acompanha a turma de topografia desde o início dos trabalhos, pensou que o acampamento estava sendo visitado por espíes dos kranhacãrore. Não chegou a haver pânico, mas os trabalhadores não tiveram tranquilidade para continuar o serviço no mesmo ritmo nos dias seguintes.

ESPERANÇA

Orlando Villas Boas tem esperança de que os trabalhos sejam facilitados pelo fato de os kranhacãrore estarem praticamente encurralados em sua área.

— Esses índios estão cercados a Oeste pelo rio Teles Pires, que não poderá ser cruzado facilmente, uma vez que eles ainda não conhecem a canoa. A Leste, estão os txucarramãe, seus inimigos ferrenhos e já possuidores de armas de fogo. Assim, é possível que eles reconheçam que não terão outra alternativa a não ser entrar em contato com o civilizado e viver em paz.

FOTOS E PRESENTES

De bordo de um pequeno avião de reconhecimento, pilotado pelo tenente Veiga, o capitão Marcos Monteiro fotografou as aldeias e lançou presentes para os índios, no momento em que Claudio Villas Boas e seus 26 índios entravam na mata.

As fotos (tiradas com uma tele-objetiva cedida pelo fotógrafo do Estado) mostram que os kranhacãrore não tiveram reação de hostilidade ou medo à aproximação do avião em vôo razante. Uma prova disso é que os índios permaneceram no patio da aldeia, sem apontar flechas ou lanças.

— Eles pareciam tranquilos e olhavam o avião com a mesma curiosidade do povo dessas aldeias que a gente sobrevive por aí — disse o capitão Monteiro, que notou ainda que algumas crianças correram para apanhar os presentes que ele lançou.

Orlando Villas Boas ficou contente com o relato do capitão. Mais ainda porque soube que os presentes — bolas de borracha, bonecas e brinquedos de plástico — foram apanhados pelos índios.

